

Entrevista com o ator Marcos Felipe

Poucas e Boas da Mari – www.poucaseboasdamari.com

Por Mari Valadares – MTB: 43.155/SP

01. Marcos, no dia 16 de março de 2011, a Cia Mungunzá de Teatro, com direção de Nelson Baskerville, estreou *Luis Antônio-Gabriela*. O espetáculo conta a saga da família do Nelson, tendo como personagem principal Luis Antônio, irmão mais velho dele, homossexual, que “bateu de frente” com as regras familiares conservadoras e parte para a Espanha sob o nome de Gabriela. Faça uma definição mini para o macro que a peça significou para mim – arrependimento e desculpas. Qual foi a reação do grupo quando foi oferecida essa história íntima e tão forte para ser apresentada em forma de arte? O peso de acertar ficou maior?

Na verdade já estávamos pensando em fazer um segundo espetáculo. A peça “Por Que A Criança Cozinha na Polenta” estava com uma carreira de dois anos e na nossa cabeça era o momento de partir para um próximo trabalho. Chegamos até a ler algumas coisas. Aí, marcamos uma reunião com o Nelson, que nessa época estava no Rio de Janeiro, para falarmos sobre a intenção de se fazer uma nova peça. E ele, de prontidão, fez o aceno para montar a história do irmão dele. Segundo ele, já havia uma maturidade do grupo para levantar esse tipo de espetáculo, e era a hora de levantarmos esse tipo de indagação na sociedade. Topamos na hora. O nosso grupo tem um caráter de discussão, nosso teatro vem com o objetivo da reflexão. Trazer novos olhares para problemas da nossa sociedade “moderna”. Sabíamos que era um espetáculo difícil, mas topamos de cara. Sabíamos também, que estávamos caminhando por uma linha tênue, de um lado um espetáculo inovador, ousado e contundente, do outro, a ideia do oportunismo, autopromoção, do piegas. No início existia sim um peso em acertar, porém, com o passar dos ensaios, com a peça tomando forma, isso foi se tornando secundário.

02. Você dá corpo, voz e alma a Luis Antônio e “Gabriela” na peça e seu trabalho foi e está sendo muito elogiado pela crítica, o que rendeu indicações para prêmios muito importantes, como Shell e APCA. Como foi sua busca por referências para compor “os personagens”? Foi complicado sair dos clichês de fazer um travesti?

Foi. No início foi inevitável cair em todos os clichês, mas, com o passar dos ensaios, fomos enxugando os exageros e buscando o equilíbrio entre a encenação e a história que estava sendo contada. Não busquei em nenhum momento dos ensaios me parecer com a “Gabriela”, acreditava, e acredito, que estou representando o travesti, minha preocupação era parecer todos ao mesmo tempo. Claro, que automaticamente, eu ia pegando traços da “Gabriela”, pois estávamos contando a vida dela, todas as referências, tais como: cartas, relatos dos parentes, fotos, etc, eram dela, porém, não era meu principal objetivo. Houve também um facilitador, como a “Gabriela” não é mais viva, não tinha esse peso de ter que ficar parecida com ela. Diferentemente dos meus companheiros de cena. Acredito que para eles tenha sido mais difícil. Lembro que nos ensaios eu não estava sorrindo, aí o Nelson dizia “Você precisa sorrir, elas são felizes, você precisa sorrir”, talvez essa tenha sido minha maior dificuldade. Quando veio o sorriso, veio com ele a delicadeza e a leveza que precisava.

03. Há alguma cena do espetáculo que o perturba?

Tecnicamente, todas (rs). Como há uma parafernália tecnológica, todas manuseadas pelos próprios atores, eu tenho uma preocupação com isso. Sempre dá alguma coisa errada, é difícil de lidar com máquinas. Uma vez um amigo comentou; “você não estão fazendo um espetáculo para dar certo, não tem como, alguma coisa vai dar errado”. Agora, psicologicamente, a cena do museu Guggenheim é foda. Sinto que a platéia fica num estado de suspensão, se perguntando “O que é isso?”, sempre me arrepio nessa cena, e também me pergunto “O que é isso?”

04. Em Luis Antônio-Gabriela, vocês misturam artes – cênicas, pintura, vídeo... Farei uma pergunta parecida com a que fiz a atriz [Rosanne Mulholland](#) em julho do ano passado, pois gosto de buscar distintas opiniões. Você acredita que a tendência do teatro é essa: inserir outras artes como complemento das cenas? Ou não? É puramente uma questão de estilo da direção?

Na verdade, acho que a encenação no Brasil tem uma dificuldade de caminhar. Quase que pára no tempo. Se você analisar outras manifestações artísticas, perceberá que caminham a medida que a sociedade evolui. Pensemos nos filmes de antigamente e nos filmes de agora, pensemos no que era as artes plásticas antigamente e o que é agora. Só para dar dois exemplos. Às vezes vejo a encenação no Brasil caminhando a passos de tartaruga. Hoje, nossa concorrência no teatro é brutal, você pode ficar em casa, vendo qualquer tipo de programa, viajando o mundo com apenas um controle remoto. Você tem acesso a tudo na internet. Ou seja, a encenação precisa ter um algo a mais. Você precisa sair do teatro e dizer “ainda bem que eu estive aqui”. Não ir ao teatro por uma “obrigação cult”. Respondendo sua pergunta, acredito que essa “polifonia” de manifestações artísticas é a evolução do teatro, é o que tem de contemporâneo. Se a informação contida numa cena chegará melhor ao receptor se usarmos outras manifestações artísticas, usaremos. A história vem em primeiro plano, a maneira que vai contá-la não pode estar presa a pensamento estéticos. Arte é o reflexo da realidade, a única coisa que fazemos é transportar os ruídos, o excesso de informação contida no nosso dia a dia para cima do palco. Isso não é excesso de criatividade, é tornar a encenação mais instigante.

05. Ganhadora do Prêmio APCA de melhor peça do ano de 2011, indicações ao prêmio Shell, Bravo e Governador do Estado 2011. O que você considera o “ponto G” do espetáculo para tantos olhares positivos sobre ela?

É tão difícil de saber. No teatro, às vezes você faz coisas maravilhosas, e por alguma ironia, essas coisas não acontecem. Acredito que no caso “Luis Antonio-Gabriela” alguns fatores contribuíram para esses “olhares positivos”. Vamos a eles: um bom enredo, uma encenação diferente e instigante, um intenso processo de pesquisa e ensaios, uma equipe de profissionais talentosíssimos, uma boa estreia com temporada popular, ter uma boa assessoria de imprensa e o fazer com TESÃO.

06. Antes de Luis Antonio-Gabriela, a Cia. Mungunzá encenou *Por que a Criança Cozinha na Polenta*, texto de Agaja Veteranyi (que assisti três vezes), com direção também do

Nelson. Apesar de enredos completamente diferentes, as duas peças falam de família e são carregadas de perturbações e emoções fortes. Coincidência?

Não (rs). Você acha diferente? Eu não acho, aliás, acho bem parecidas. Ambas têm o ser humano como foco principal, ambas abordam conflitos familiares, têm a mesma equipe, mesmo tipo de encenação... Na verdade, a gente é chegado num drama mesmo (rs).

07. A Cia. Mungunzá de Teatro nasceu em 2006. Como se deu esse nascimento? E por que Mungunzá?

É um grupo de teatro que nasceu nos corredores do Teatro Escola Macunaíma, já com a ideia de desenvolver pesquisas cênicas. Com o convite feito ao Nelson para dirigir nosso primeiro espetáculo, veio na bagagem alguns membros do Célia Helena. Hoje estamos em 10 membros, todos: artistas/técnicos/produtores/criadores... Todo mundo faz tudo (rs). A palavra "Mungunzá" era uma piada interna dos tempos de escola, palavra que usávamos como verbo, adjetivo... Tudo. Aí quando criamos o grupo, o mais óbvio seria "Mungunzá". Eu particularmente não gosto da palavra, acho que tem uma fonética feia. Porém, assim como as nossas peças, há uma beleza na feiúra, há uma poesia no grotesco.

08. Novidades para 2012?

Estamos no meio da temporada na Funarte, onde ficaremos até fevereiro. Depois vamos viajar com as duas peças para algumas cidades do interior de São Paulo. Faremos alguns festivais de teatro, entre eles: Festival de Curitiba também com as duas peças. Estamos negociando uma viagem para França e Portugal em julho. Estamos em negociação para uma possível temporada no Rio de Janeiro. Negociando também outra temporada em São Paulo a partir de agosto. Parece pouco, mas não é não (rs). E nesse ano começaremos a pensar o próximo trabalho, com início de pesquisa/ensaio para 2013.